

## **Roteiro do podcast Censos do Brasil – Episódio 12 – Censo de 2022 – O censo adiado por uma pandemia global – Divulgado em 03 de julho de 2023**

MÚSICA [Funk do Censo 2022: Apertou o interfone, tocou a campainha, ou bateu palmas... Quem é? Sou o recenseador, a serviço do IBGE! Apertou o interfone, tocou a campainha, ou bateu palmas... Quem é? Sou o recenseador, a serviço do IBGE! Esse é o momento. Atenda! Não deixe pra depois.]

Neste episódio do Censos do Brasil vamos falar do censo mais tecnológico que existiu. Que continuou incluindo minorias na sua pesquisa, dessa vez os quilombolas, e que passou por grandes dificuldades para ser realizado. Pois é, não dá para forçar o mistério aqui. É claro que estou falando do Censo 2022. Isso mesmo, aquela pesquisa do IBGE que foi até a sua casa recentemente e que divulgou seus primeiros resultados no dia 28 de junho ou quarta-feira passada, se você estiver escutando o episódio no dia da publicação. Eu sei que você já deve ter ouvido falar muito sobre esse censo desde o início da coleta, que começou em agosto do ano passado. Mas prometo me esforçar para trazer um outro ponto de vista e, quem sabe, compartilhar algumas curiosidades que pouca gente sabe. Fica só entre nós, certo? Eu sou Fabio Carvalho e depois da vinheta, estaremos de volta.

VINHETA [trechos de músicas de propagandas dos Censos compiladas: “O Brasil precisa saber para ter consciência de sua grandeza”; ”Plim, plim, toco a campainha e ouço uma voz perguntando”; “quem é? É o agente do Serviço Nacional de Recenseamento”; “o Censo está aí: você responde e o Brasil corresponde”; “quantos somos? Sim, quantos somos no Brasil?”; “para o bem do Brasil, para o seu próprio bem, receba-o cordialmente”; “bom dia minha senhora”; “vamos juntos descobrir que país é este”]

Como você deve saber, o trabalho do censo começa alguns anos antes do início da coleta, com o planejamento da pesquisa. O IBGE já estava preparando tudo para que em agosto de 2020 as condições fossem perfeitas para o início dos trabalhos.

Uma etapa essencial dessa preparação foi a consulta pública, realizada pela internet, para que qualquer pessoa pudesse dar sugestões de temas para o questionário. Foi a primeira vez que a consulta foi feita nesse formato. Em 2010, por exemplo, o contato foi feito por cartas, olha só você! Enviadas para 9 mil endereços. Naquela ocasião, o IBGE recebeu 270 respostas. Já com essa nova abordagem, pela internet, o IBGE recebeu 3.198 respostas. Parece que deu certo, né?

Já em 2018 e ao longo de 2019, o IBGE também realizou testes. Avaliou questionários, testou os fluxos de trabalho, as novas tecnologias e as abordagens aos povos tradicionais.

Mas apesar de todo o preparo algo imprevisível atrapalhou os planos de todos nós e interrompeu os sonhos de muitos: a pandemia da COVID-19. Não teve outro jeito o censo precisou ser adiado para 2021. Isso fez com que essa pesquisa fosse, junto com o Censo de 1991, os únicos censos feitos pelo IBGE que não foram realizados dentro do período decenal. Mas esse adiamento não aconteceu só no Brasil. Vários outros países do mundo que faziam seus censos em 2020 também decidiram pelo adiamento. Outros, como Estados Unidos e México seguiram seus planos. A Ex-Coordenadora Operacional do Censo, Maria Vilma Salles Garcia, explica como esses dois países conseguiram fazer suas pesquisas:

*[Depoimento de MARIA VILMA SALLES GARCIA]*

*“Estados Unidos faz o censo pelo correio. A maior parte do censo americano é feita pelo correio. E eu sabia que o censo americano tinha dado problema e que eles postergaram a divulgação de resultados e até hoje tem questionamentos fortes a respeito do censo deles, feito pelo correio. Basicamente, né? Porque tem uma parte que não tem como, tem que ter entrevistador. O México, o censo deles é de um mês, só um mês, porque eles contratam muita gente, fazem em um mês. Foi feito em março, quando a pandemia estava começando. Muito diferente do Brasil fazer o seu censo no meio da pandemia e uma coleta de 3 meses, basicamente presencial. Porque a gente já tinha visto, foram feitos testes, que a coleta por telefone, coleta pela internet é muito pouco.”*

Diante do adiamento inevitável, o orçamento do censo foi realocado para o enfrentamento da pandemia, com o compromisso de que a verba fosse repostada em 2021. Mas não foi isso que aconteceu. O orçamento previsto para a realização da pesquisa naquele ano sofreu um corte de mais de 90%, e isso inviabilizou a operação. Com o Censo 2021 também cancelado, a preocupação passou a ser garantir as condições para realizá-lo em 2022. E, apesar de uma dificuldade inicial para obter os valores necessários, no final deu tudo certo. O orçamento foi aprovado e o IBGE pôde retomar os seus testes.

O local escolhido para o primeiro teste após o início da pandemia foi a Ilha de Paquetá, um bairro do Rio de Janeiro. A Ilha foi escolhida por sua proximidade com a sede do IBGE e o fato de ter, no momento do teste, mais de 85% dos moradores vacinados. O teste foi um sucesso e serviu como modelo para o ensaio nacional que veio a seguir. O Teste Nacional do Censo 2022, como foi chamado, atingiu todos os Estados e o Distrito Federal e incluiu um Quilombo e 3 terras indígenas, além de aglomerados subnormais.

Na ocasião do teste, o então Diretor de Pesquisas do IBGE, Cimar Azeredo, que hoje também é o Presidente Substituto, disse o seguinte ao programa Minuto IBGE:

*“Vamos testar os sistemas, os equipamentos, a abordagem ao informante, uso de equipamentos de proteção individual e testar também a mobilização da sociedade em relação ao censo. Será nossa primeira incursão nacional pelo território como uma operação censitária, desde o início da pandemia. O objetivo desses testes é garantir o padrão de qualidade IBGE na realização do próximo censo.”*

Com tudo bem testado, a coleta dos dados começou no dia 1º de agosto de 2022. O questionário diminuiu, comparado ao censo anterior. De 34 questões, passou para 26 no formulário básico, enquanto o da amostra passou de 102 questões para 77.

A tecnologia empregada na pesquisa, como de costume, avançou mais uma vez. Os dispositivos de coleta, ou DMCs para os íntimos, receberam um upgrade. Eles têm um chip telefônico com acesso à internet, e com ele os recenseadores puderam transmitir automaticamente os dados coletados e se

comunicar com os moradores ou com seus supervisores, em caso de dúvida. Os recenseadores só não puderam usar o aparelho para gravar dancinha para TikTok com o recenseado, infelizmente.

Também teve muita tecnologia no controle da coleta com os mais modernos instrumentos de geoinformação e ferramentas de controle, alcance, cobertura e acompanhamento digital, em tempo real, com capturas das coordenadas de GPS.

Eu sei, até agora só falei de coisa boa. Mas teve problema também... Mas deixa eu explicar uma coisa...

A essa altura, depois de todos esses episódios, já ficou bem claro que a operação do censo é algo extremamente complexo. Estamos falando de um trabalho que ocorre simultaneamente em todos os 5568 municípios, com visitas a 90 milhões de domicílios e empregando cerca de 230 mil pessoas. E isso tudo em um país enorme e com muitos locais de difícil acesso. Ouça o que Cimar Azeredo falou sobre isso:

*“Diferente de uma eleição, onde a gente vai votar com a pessoa sentada, numa mesinha, a gente tem que ir de porta em porta. Portanto, é a maior operação de guerra em tempo de paz. É o censo. E a gente tem um objetivo único, único. Que é cumprir a nossa missão.”*

Então, apesar de toda a tecnologia empregada e de todo esforço de planejamento, o IBGE não conseguiu evitar todos os problemas e, como você deve saber, o censo passou por algumas dificuldades. A coleta, que começou em 1º de agosto de 2022 e tinha previsão de durar 3 meses, só pôde ser concluída em 28 de fevereiro de 2023. O IBGE informou que o atraso aconteceu principalmente por falta de pessoal e se agravou com o alto índice de recusas, atrasos no pagamento dos recenseadores e disseminação de *fake news* sobre a pesquisa. Pois é, nem o censo ficou livre disso.

Mas o país já estava há 12 anos sem as informações do censo e não podia se dar ao luxo de perder essa oportunidade. Então, só restou uma alternativa, como disse o Presidente Substituto do IBGE, Cimar Azeredo:

*“Qual foi a saída do IBGE? Desistir? Não! Vamos fazer, vamos entregar um censo sem qualidade? De forma alguma! A gente se abraçou com a tecnologia, demoramos 10 meses pra entregar, mas a gente tem certeza que está entregando um censo, que a gente sabe que o recenseador foi lá, porque ele deixou um pontinho amarelo, colocando o Brasil no mapa.”*

Então, para ajudar o censo a seguir em frente nessa missão e garantir a qualidade das informações, o IBGE contou com a parceria de órgãos do governo e outras entidades. No Rio de Janeiro, por exemplo, uma parceria com a prefeitura proporcionou uma inédita colaboração de agentes de saúde. Se você ficar curioso e quiser saber mais sobre essas parcerias, acesse o hotsite do censo 2022. Eu vou deixar o link para vocês na descrição do episódio.

E, apesar de tudo, a coleta foi concluída. E, a meu ver, com sucesso, já que recenseou a grande maioria de população, incluindo todas as comunidades quilombolas, que foram pesquisadas pela primeira vez na história dos censos e terras indígenas, inclusive localidades isoladas e toda terra Yanomami. Apenas uma pequena parte dos domicílios ficou de fora da pesquisa. Uma parte, 4,2%, porque o recenseador não foi atendido ou porque não encontrou ninguém em casa e, a outra parte, 1,38%, por conta de recusas em responder o questionário. Apesar disso, o IBGE garante que a imputação não causou prejuízos ao censo.

Como eu disse antes, o IBGE divulgou na semana passada os primeiros resultados do Censo 2022. Eu acho difícil que você ainda não saiba, mas de qualquer forma, eu vou te contar:

O censo mostrou que temos no Brasil uma população de 203.062.512 pessoas, um aumento de 6.5% se compararmos com a pesquisa de 2010.

Apesar do aumento, a velocidade com que nossa população cresce vem diminuindo desde 1960 e em 2022 alcançou a menor taxa de crescimento da história.

São Paulo continuou sendo o Estado com a maior população, dando conta sozinho de aproximadamente um quinto da população do Brasil. O Estado com menor população continuou sendo Roráima, ou é Roráima? Eu nunca sei como se fala.

As capitais que mais ganharam população foram João Pessoa, Manaus e Goiânia e as que mais perderam foram Salvador, Belém, Porto Alegre e Recife.

É isso, pessoal. Por enquanto é o que eu tenho para vocês. Mas fiquem ligados no site e nas redes sociais do IBGE que muita informação importante ainda vem por aí. Dessa vez formam só os números de população e domicílios. Todos os outros temas pesquisados ainda serão divulgados.

[Trecho de música de propaganda antiga do censo: Plim, plim, toco a campainha e ouço uma voz perguntando quem é? Sou o recenseador, um funcionário do IBGE. Plim, plim, toco a campainha e ouço uma voz perguntando quem é? Sou o recenseador, um funcionário do IBGE. Eu vou ao domicílio fazer o trabalho...]

Para fechar essa série, vamos falar dos recenseadores. Nunca é demais lembrar e exaltar a importância que eles têm para o sucesso da pesquisa. Mas você já parou para pensar nos efeitos que a participação na construção do censo tem para eles? Bem, para nos dar uma ideia disso, eu convidei o Augusto Abrantes Netto, que trabalhou no censo 2022 para nos contar um pouco da dor e da delícia de ser um recenseador:

*[Depoimento de AUGUSTO ABRANTES NETTO]*

*“Eu sou o Augusto. Trabalhei por 11 meses no censo demográfico 2022 e eu costumo dizer que não foi somente uma experiência e sim uma descoberta incrível, uma vivência espetacular que eu tive a honra de ter. De junto aos meus colegas, ter construído essas informações que são de suma importância para o desenvolvimento do Brasil, né? Eu posso dizer que essa experiência me fez ser muito mais empático com as pessoas. Me fez ouvi-las melhor, e hoje eu posso dizer, com muita afirmação, que o IBGE transformou a minha vida para melhor. E uma das situações complicadas que eu passei no IBGE foi lá na comunidade do Andaraí. Eu estava sendo acompanhado pela minha guia, que morava na comunidade, que me acompanhava para as entrevistas. E ela acabou andando mais pra frente e me deixando na parte de trás, né? Na subida, na ladeira, lá na rua Andaraí. Acabou que ela passou. Eu fiquei*

*sozinho. Chegou um rapaz armado. Me abordou e perguntou o que que eu estava fazendo lá. Foi complicado explicar que estava fazendo o censo, né? Que era do Governo e tudo mais. Contabilização da população, infraestrutura. E aí eu consegui conversar com ele, não é? Não teve ameaça, graças a Deus, e consegui me sair da situação explicando para ele a importância do censo. E aí, dessa forma, numa abordagem dele, ele aprendeu o que era o censo, né? Acabou que eu dei uma mini-aula para ele, explicando para que servia, como funcionava e tudo mais e ficou por isso mesmo. Ele me deixou prosseguir o meu caminho e aí eu continuei minhas entrevistas, mas foi um sufoco, né? Foi um grande susto.”*

Agora eu vou colocar agora um depoimento de alguém que trabalhou como recenseador em 1980. Ele vai nos contar como sua experiência mudou a forma com que viu o censo e como isso impactou a sua própria vida. A razão pela qual esse depoimento está neste episódio e não no de 1980 é que essa experiência certamente ajudou a moldar o homem que, 42 anos depois, estaria à frente do Censo 2022 como Diretor de Pesquisas e que apresentou os resultados como Presidente Substituto do IBGE. Vamos ouvir, Cimar Azeredo:

*[Depoimento de CIMAR AZEREDO]*

*“Eu acho que eu estava na 10ª, 15ª entrevista e eu bati na casa de um juiz, né? Esse juiz, eu estava com pressa, era final do dia, e ele me deu um toque: “Olha, você está com pressa. Você não quer voltar amanhã? Porque o que você está fazendo aqui é muito importante. Isso mexe com a vida das pessoas. Tem que ser uma coisa bem-feita.” E aquilo eu me dei uma freada, né? Me deu uma freada. Ele explicou, acho que durante meia hora, coisa que eu não tinha a menor noção, embora tivesse sido treinado para estar ali. Acho que durante uma semana, 15 dias, eu não me lembro direito, mas eu não tinha noção do objetivo do censo. Eu tinha 18 anos, meu cabelo estava reco ainda. E aquilo foi importante porque eu comecei a perceber, e uma frase que ficou muito gravada na minha cabeça que o que eu estava fazendo ali, ia mexer com a vida das pessoas. Isso ficou para mim ao longo da minha vida toda. Esse juiz, que era aposentado, um senhorzinho já, me deu esse toque. Eu voltei nas entrevistas todas que eu tinha feito e eu, naquele momento, eu fui o*

*entrevistador naquela cidade, naquele ano que mais produziu. Trabalhei com muito afinco naquele momento ali, porque eu tinha um objetivo, que era vir morar no Rio de Janeiro para fazer o cursinho vestibular e eu precisava de dinheiro. Então, assim, tinha um interesse financeiro naquele processo, só que eu consegui aliar esse interesse financeiro com o objetivo de vida mesmo. E a cada domicílio que eu entrava, cada casa, cada conversa que eu entrava, virou para mim uma experiência da minha vida, para minha vida toda. Conhecer pessoas... eu comecei a fazer aquele trabalho que, entre aspas, pode ser um trabalho árduo, né? Porque tomar uma porta na cara... para mim virou um desafio. Eu falei: “não, eu tenho que ser a pessoa mais persuasiva possível para conseguir conquistar”. E já chegava na casa das pessoas rindo, explicando que o censo tinha chegado. Não é? Criei todo um clima em cima. Eu lembro que eu tinha uma bicicleta, eu ficava com essa bicicleta para cima e para baixo com a pasta do censo 1980. Isso para mim era um motivo que... o tempo todo estava na minha cabeça gravado aquela 15ª entrevista que eu tinha feito com esse senhor. E como o censo, você tem entrevistas que você faz... na época, acho que era cada 5 domicílios, um questionário era maior, era um questionário mais completo e esse questionário é mais completo, exigia mais dentro da casa. Você tinha que saber se a pessoa estava trabalhando, se não estava. Era um questionário da amostra do censo. Então você passava a conhecer mais da vida das pessoas. E eu, naquele momento que ele passou todo esse processo, eu acho que tudo o que eu aprendi de IBGE começou dentro daquela casa ali e depois mais tarde eu vim ter noção o que era sigilo da informação, né? Tudo isso foi passado em treinamento, mas a gente acaba não registrando muita coisa. Mas ele me alertou muito para isso: “Olha, o que você ouvir aqui, você não pode comentar. Você está numa cidade do interior.” Muito do que eu aprendi no IBGE foi dentro daquela casa.”*

FIM DO EPISÓDIO [Música instrumental]

O podcast Censos do Brasil fica por aqui. Durante esses doze episódios, desde janeiro, estivemos juntos nessa jornada pelos 150 anos de história dos censos, incluindo um pouquinho da história do IBGE e, por que não, do Brasil. Mas calma. A história do censo ainda terá muitos outros capítulos e você



sempre fará parte dela. E se você sentir saudades, você tem um mar de informações para consultar no Portal e na Biblioteca do IBGE. Você também pode aprender sobre as outras pesquisas no canal do IBGE no Youtube. Ah, confira também o site da Memória IBGE. Lá você encontra muita coisa legal sobre a trajetória da Fundação ao longo do tempo, como entrevistas com as pessoas que ajudaram a construir essa tradição, publicações com os mais variados temas, biografia dos pioneiros, uma linha do tempo e muito mais.

Você sabe, eu sou Fabio Carvalho e roteirizei, produzi e editei este episódio e tive o apoio de Claudio Marques e Vera Abrantes que me ajudaram com informações para elaboração do roteiro.

[Música instrumental]